



INICIATIVA
INTER-RELIGIOSA PELAS
FLORESTAS TROPICAIS

KIT DE FERRAMENTAS CATÓLICO SOBRE PROTEÇÃO FLORESTAL

RECURSOS PARA LÍDERES
RELIGIOSOS E COMUNIDADES DE FÉ

SOBRE ESSE CONJUNTO DE FERRAMENTAS

Esse conjunto de ferramentas faz parte de uma série desenvolvida pela Iniciativa Inter-religiosa para Florestas Tropicais com o objetivo de informar e inspirar comunidades religiosas a agirem para ajudar a proteger as florestas tropicais e seus habitantes. A Iniciativa acredita que chegou a hora de um movimento mundial destinado ao cuidado de florestas tropicais, baseado no valor inerente às florestas e inspirado nos valores, ética e orientação moral dos povos indígenas e das comunidades religiosas.

Este conjunto de ferramentas do Catolicismo apresenta uma série de reflexões, meditações, orações, discussões e planos de aula voltados para praticantes católicos, reunidos com a ajuda de Laura Vargas. Não pretende ser exaustivo ou final, mas representa um documento vivo que pode evoluir ao longo do tempo com a ajuda e o benefício das comunidades religiosas.

INICIATIVA INTER-RELIGIOSA PARA FLORESTAS TROPICAIS

A Iniciativa Inter-religiosa para Florestas Tropicais é uma aliança internacional de várias religiões que está trabalhando para trazer urgência moral e liderança baseada na fé para acabar com o desmatamento tropical. É uma plataforma para líderes e comunidades religiosas trabalharem lado a lado com povos indígenas, governos, ONGs e empresas em ações que protegem as florestas tropicais e os direitos daqueles que servem como seus guardiões.

PERGUNTAS?

A Iniciativa Inter-religiosa para Florestas Tropicais está ansiosa para trabalhar com você para proteger as florestas tropicais e os direitos dos povos indígenas. Entre em contato conosco através de info@interfaithrainforest.org.

PARCEIROS

A Iniciativa Inter-religiosa para Florestas Tropicais recebe todos os tipos de organizações, instituições e indivíduos de boa fé e consciência que estão comprometidos com a proteção, a restauração e o manejo sustentável das florestas tropicais.



ÍNDICE

Reflexões de Abertura	5
Buscando Novos Caminhos: Uma Igreja com a Cara da Amazônia	
Pontos de Fala	7
Sobre as Florestas Tropicais e Biodiversidade	
Sobre Mudanças Climáticas	
Sobre os Povos Indígenas e Abordagens Interculturais	
Orações e Meditações	11
Orando com as Florestas	
Litania para as Florestas Tropicais	
Plano de Aula	13
Escrevendo nossas Próprias Eco-Autobiografia	

REFLEXÕES DE ABERTURA

BUSCANDO NOVOS CAMINHOS: UMA IGREJA COM A CARA DA AMAZÔNIA

Por Laura Vargas

O presente artigo foi escrito durante os preparativos para o Sínodo dos Bispos para a Região Panamazônica, um momento belo e profético em que a Igreja Católica Romana é desafiada a ser uma igreja que escuta atentamente a voz do Espírito e reconhece a Amazônia como um sujeito histórico “que não é considerado propriamente no contexto nacional e global, ou na vida da Igreja. Agora se torna um comunicador privilegiado” (IL 2). A inspiração deste momento leva a igreja a considerar um novo kairós capaz de construir uma igreja com um rosto indígena e amazônico, uma igreja que promove a enculturação do evangelho em cada cultura e, portanto, uma igreja que reflete a única e diversa face do Senhor.

1. 500 anos depois

Hoje é comum dizer que a cruz e a espada chegaram juntas ao continente americano. Esse processo de conquista e colonização, iniciado há mais de 500 anos, foi marcado pelo sofrimento agudo de povos indígenas. Entre esses povos subjugados e humilhados estão as culturas da Panamazônia, que viveram, por mais de 200 anos de vida republicana, sob sucessivas ondas de dominação, por potências que procuraram apropriar-se de seus recursos naturais. Os 3 milhões de indígenas da Amazônia resistiram e hoje continuam lutando pela dignidade e pelo respeito. O documento preparatório do Sínodo nos lembra que a região amazônica compreende 9 países que compartilham a planície amazônica, com cerca de 390 aldeias, bem como entre 110-130 “aldeias livres”, ou aldeias em “isolamento voluntário”.

2. A Amazônia adentrou a Igreja através da porta maior

Manter o Sínodo na Amazônia significa que estamos na agenda da Igreja universal. Enquanto, segundo a lógica da dominação mundial, a Amazônia representa um grande acúmulo de recursos naturais que deveriam ser utilizados para gerar mais dinheiro e poder, para a Igreja a região e seu povo são uma vocação. Nossa presença procura ser um clamor pela “defesa da vida, da terra e das culturas”, como defendeu o Papa Francisco. O monsenhor David Martínez, bispo de Puerto Maldonado, ao receber o Papa Francisco, disse-lhe: “O tesouro da Amazônia, que não é de minerais, madeira ou petróleo, é o seu povo ... com suas danças e cores que refletem o tradições de suas culturas vivas Muitos anos atrás, a Igreja nos enviou como missionários para ajudar a acabar com a barbárie desencadeada pela borracha nessas terras. Queríamos que essas comunidades recuperassem suas próprias vozes. Nós sentimos fortemente que o chamado da igreja é para acompanhá-los. Eles são seus melhores interlocutores; nós, os missionários, fomos ensinados a olhar o mundo a partir de sua perspectiva, e isso realmente parece mais bonito...” (Monsenhor David Martínez, 19/01/18)

3. Um Papa do fim do mundo

Vivemos um tempo de graça com o pontificado de Francisco, o “Papa do fim do mundo”, que colocou a Igreja no caminho da “misericórdia” e que pede que sejamos uma “Igreja que se mova adiante”, ou seja, “pobre para os pobres”, que ama e defende nossa casa comum, tratada sem piedade, saqueada e abandonada, quando transformada em “imenso depósito de imundícies”

(LS 21). Francisco nos pede que escutemos o grito surdo que atinge o céu, o grito dos pobres e da terra. “Durante sua visita a Puerto Maldonado, ele falou da necessidade de um Sínodo para a Panamazônia:” Toda cultura e toda visão de mundo que recebe o Evangelho enriquece a Igreja com a visão de uma nova imagem da face de Cristo. A Igreja não está alheia aos seus problemas e a sua vida, tampouco quer ser estranha ao seu modo de vida e organização. Precisamos que os povos indígenas moldassem culturalmente as Igrejas da Amazônia... para ajudar seus bispos, seus missionários a se unirem a você e, dessa maneira, no diálogo entre si, você poderá moldar uma Igreja com um caráter Amazônico e uma igreja com um rosto indígena. Com esse espírito, convoquei o Sínodo para a Amazônia no ano de 2019. “(19/1/18)

4. Amazônia, o espelho da humanidade

Como o documento preparatório do Sínodo nos faz lembrar, a Amazônia é uma região de vital importância para a vida do planeta. A Amazônia detém 20% da água doce da Terra e realiza a maior captura de carbono do mundo. É rica em biodiversidade, além de multicultural, multiétnica e multirreligiosa. Tudo o que acontece com a Amazônia afetará a vida do planeta. Esta terra abençoada está vivendo uma crise profunda por causa de uma prolongada intervenção humana impulsionada por uma “cultura descartável” (LS, 16) e uma mentalidade de extração. Essa mentalidade adere à falácia de que os recursos são inesgotáveis, o que leva poderosos interesses econômicos a explorarem com grande pressão o petróleo, o gás, as madeiras preciosas e o ouro da região. Esta terra chora por causa das feridas profundas infligidas a ela e a seus povos originários. Mas esta terra abençoada é também uma terra de esperança, que descobrimos nos muitos assentamentos criados desde tempos antigos; deles aprendemos sobre “boa vida” e “bom trabalho”. “Os povos amazônicos são” um grito à consciência de um estilo de vida que não reconhece os custos que este impõe. Você é a memória viva da missão que Deus confiou a todos nós: cuidar da nossa Casa Comum. ”(Puerto Maldonado 19/01/18).

5. Seus protagonistas: os povos das águas, dos rios e das florestas

Os povos indígenas da Amazônia, em sua incrível variedade e diversidade de rostos, culturas, línguas e visões de mundo, desenvolveram a sabedoria e o conhecimento ancestral de animais, plantas e de diferentes modos de vida. Eles nos falam de um tesouro de culturas que não devem ser apenas respeitadas, reconhecidas e valorizadas em si mesmas, mas também sobre a herança da humanidade. Deles aprendemos o paradigma do cuidado, do respeito e da escuta respeitosa da vida que se movimenta à nossa volta. Isto contrasta radicalmente com o modelo atual de uma “cultura descartável que afeta os excluídos, assim como reduz rapidamente as coisas ao lixo” (LS 22). Ya Aparecida nos alertou que “a sociedade tende a menosprezá-los, ignorando sua diferença. Sua situação social é marcada pela exclusão e pela pobreza.”

6. Conclusão

Os novos caminhos abertos com este Sínodo devem nos levar a uma crescente enculturação da Igreja em todos os seus ministérios, na liturgia e na sua reflexão teológica. Da mesma forma, é crítico recuperarmos uma nova perspectiva contemplativa, ter empatia com os povos originários da região e adotar uma postura profética de denúncia, proclamação e compromisso, porque muito deve ser mudado para que nossos povos possam ter vida Nele. Os protagonistas não seremos nós, mas os povos a quem nós, por nossa vocação, somos chamados a servir. Desta forma, seremos a Igreja com rosto amazônico e rosto indígena.

PONTOS DE FALA

SELEÇÕES DA ENCÍCLICA DO PAPA FRANCISCO ‘SOBRE OS CUIDADOS COM A NOSSA CASA COMUM’

A encíclica do Papa Francisco de 2015, “Sobre o Cuidado da Casa Comum” (também conhecida pelo seu título *Laudato Si'*) é dirigida a pessoas de todo o mundo e carrega um forte senso de urgência sobre a crise ambiental global com a qual nos deparamos. Ele analisa as causas profundas da crise e propõe um conjunto de valores e ações para redirecionarmos a humanidade para um novo e promissor caminho, para o futuro e para o bem-estar do planeta, nossa casa comum.

Nesta seção, nos concentramos em algumas passagens da encíclica, que se relacionam com questões de interesse para a Interfaith Rainforest Initiative. O número que aparece antes de cada citação representa o parágrafo correspondente na encíclica.

A encíclica completa pode ser encontrada online aqui: http://w2.vatican.va/content/francesco/en/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html

Sobre as Florestas Tropicais e Biodiversidade

32. A perda de florestas e bosques acarreta na perda de espécies que podem constituir recursos extremamente importantes no futuro, não apenas para alimentos, mas também para curar doenças e também ter outras utilidades. Diferentes espécies contêm genes que poderiam ser recursos-chave para os próximos anos, para atender às necessidades humanas e regular os problemas ambientais.
33. Não basta ... pensar em diferentes espécies meramente como “recursos” potenciais a serem explorados, ignorando o fato de que eles têm valor em si mesmos. Todos os anos vemos o desaparecimento de milhares de espécies vegetais e animais que nunca conheceremos, que nossos filhos nunca verão, porque se perderam para sempre. A grande maioria se extingue por motivos relacionados às atividades humanas. Por nossa causa, milhares de espécies não mais darão glória a Deus por sua própria existência, nem transmitirão sua mensagem para nós. Nós não temos esse direito.
38. Vamos mencionar, por exemplo, os pulmões ricamente biodiversos do nosso planeta, que são as bacias do Amazonas e do Congo, ou os grandes aquíferos e glaciais. Sabemos como são importantes para toda a terra e para o futuro da humanidade. Os ecossistemas das florestas tropicais possuem uma biodiversidade extremamente complexa, que é quase impossível de se apreciar plenamente, mas quando essas florestas são queimadas ou niveladas para fins de cultivo, em poucos anos se perdem inúmeras espécies e as áreas freqüentemente se tornam terras áridas. Um equilíbrio delicado tem que ser mantido quando se fala desses lugares, pois não podemos ignorar os enormes interesses econômicos globais que, sob o pretexto de protegê-los, podem minar a soberania de nações individuais. De fato, há “propostas de internacionalização da Amazônia, que servem apenas aos interesses econômicos das corporações transnacionais”. [24] Não podemos deixar de elogiar o compromisso de organismos internacionais e organizações da sociedade civil que chamam a atenção

do público para essas questões e oferecem cooperação crítica, empregando meios legítimos de pressão, para assegurar que cada governo cumpra sua responsabilidade apropriada e inalienável de preservar o meio ambiente do seu país, sem se deixar levar por interesses locais ou internacionais espúrios.

42. Maiores investimentos precisam ser feitos em pesquisas que visem compreender melhor o funcionamento dos ecossistemas e analisar adequadamente as diferentes variáveis associadas a qualquer modificação significativa do meio ambiente. Como todas as criaturas estão conectadas, cada uma deve ser valorizada com amor e respeito, pois todos nós, como criaturas vivas, dependemos uns dos outros. Cada área é responsável pelo cuidado desta família. Isso exige se realizar um levantamento cuidadoso das espécies que abriga, com vista a desenvolver programas e estratégias de proteção com um cuidado especial para se proteger as espécies que estão à beira da extinção.
95. O ambiente natural é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e de responsabilidade de todos. Se fizermos algo nosso, é apenas administrá-lo para o bem de todos. Se não o fizermos, sobrecarregaremos nossas consciências com o peso de ter negado a existência de outros. É por isso que os bispos da Nova Zelândia perguntaram o que o mandamento “não matarás” significa quando “vinte por cento da população mundial consome recursos a uma taxa que rouba as nações pobres e as futuras gerações daquilo de que precisam para sobreviver”. [78]

Sobre Mudanças Climáticas

23. O clima é um bem comum, pertencente a todos e destinado a todos. No âmbito global, é um sistema complexo ligado a muitas das condições essenciais para a vida humana. Consensos científicos bastante consolidados indicam que estamos prestes a assistir um preocupante aquecimento do nosso sistema climático. Nas últimas décadas, esse aquecimento foi acompanhado por um aumento constante do nível do mar e, ao que parece, por um aumento de eventos climáticos extremos, mesmo que uma causa cientificamente determinável não possa ser atribuída a cada um desses fenômenos especificamente. A humanidade é convocada a reconhecer a necessidade de mudanças em seu estilo de vida, produção e consumo, a fim de combater esse aquecimento ou, pelo menos, as causas humanas que o produzem ou que o agravam. É verdade que existem outros fatores (como atividade vulcânica, variações na órbita e no eixo da Terra, o ciclo solar), mas diversos estudos científicos indicam que a maior parte do aquecimento global nas últimas décadas é devido à grande concentração de gases de efeito estufa. (dióxido de carbono, metano, óxidos de nitrogênio e outros) liberados principalmente como resultado da atividade humana. À medida que esses gases se acumulam na atmosfera, eles impedem a fuga do calor produzido pela luz do sol na superfície da Terra. O problema é agravado por um modelo de desenvolvimento baseado no uso intensivo de combustíveis fósseis, que está no centro do sistema energético mundial. Outro fator determinante tem sido um aumento nos usos alterados do solo, principalmente o desmatamento para fins agrícolas.
24. O aquecimento global tem efeitos diretos no ciclo do carbono. Cria-se um círculo vicioso que agrava ainda mais esta situação, afetando a disponibilidade de recursos essenciais como água potável, energia e produção agrícola em regiões mais quentes, e levando à extinção de parte da biodiversidade do planeta. O derretimento nas calotas polares e nas planícies de alta altitude pode levar à liberação perigosa de gás metano, enquanto a decomposição de material orgânico congelado

pode aumentar ainda mais a emissão de dióxido de carbono. A situação se mostra ainda pior com a perda de florestas tropicais que, de outra forma, ajudariam a mitigar as mudanças climáticas. A poluição por dióxido de carbono aumenta a acidificação dos oceanos e compromete a cadeia alimentar marinha. Se as tendências atuais continuarem, este século poderá testemunhar uma mudança climática extraordinária e uma destruição sem precedentes dos ecossistemas, com sérias conseqüências para todos nós. Um aumento no nível do mar, por exemplo, pode criar situações extremamente sérias, se considerarmos que um quarto da população mundial vive na costa ou nas proximidades, e que a maioria de nossas megacidades está situada em áreas costeiras.

25. As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações: ambientais, sociais, econômicas, políticas e para a distribuição de bens. Representam um dos principais desafios que a humanidade enfrenta em nossos dias. Seu pior impacto provavelmente será sentido pelos países em desenvolvimento nas próximas décadas. Muitos dos pobres vivem em áreas particularmente afetadas por fenômenos relacionados ao aquecimento, e seus meios de subsistência dependem em grande parte de reservas naturais e serviços ecossistêmicos, como agricultura, pesca e silvicultura. Eles não têm outras atividades financeiras ou recursos que lhes permitam se adaptar às mudanças climáticas ou enfrentar desastres naturais, e seu acesso a serviços sociais e de proteção é bastante restrito. Por exemplo, mudanças no clima em que animais e plantas não possam se adaptar, os levam a migrar; isso, por sua vez, afeta o modo de vida dos pobres, que são então forçados a deixarem suas casas, com grande incerteza para o futuro deles e de seus filhos. Houve um aumento trágico no número de migrantes que procuravam fugir da crescente pobreza causada pela degradação ambiental. Eles não são reconhecidos pelas convenções internacionais como refugiados; eles carregam a perda das vidas que deixaram para trás, sem desfrutar de qualquer proteção legal. Infelizmente, existe uma indiferença generalizada a esse sofrimento, que está ocorrendo até hoje em todo o mundo. Nossa falta de resposta a essas tragédias envolvendo nossos irmãos e irmãs, aponta para a perda desse senso de responsabilidade para nossos companheiros homens e mulheres sobre os quais toda a sociedade é fundamentada.
26. ...Há uma necessidade urgente para desenvolvermos políticas que, nos próximos anos, reduzam drasticamente a emissão de dióxido de carbono e outros gases altamente poluentes, por exemplo, substituindo os combustíveis fósseis e desenvolvendo fontes de energia renovável. Em todo o mundo há um acesso mínimo à energia limpa e renovável. Existe ainda a necessidade de desenvolver tecnologias de armazenamento adequadas. Alguns países fizeram progressos consideráveis, embora estejam longe de constituir uma proporção significativa. Também foram feitos investimentos em meios de produção e transporte que consomem menos energia e exigem menos matéria-prima, além de métodos de construção e reforma de edifícios que melhoram sua eficiência energética. Mas essas boas práticas ainda estão longe de serem disseminadas de maneira ampliada.
169. ...A redução dos gases com efeito de estufa exige franqueza, coragem e responsabilidade, sobretudo por parte dos países mais poderosos e mais poluidores...
165. Sabemos que a tecnologia baseada no uso de combustíveis fósseis altamente poluentes - especialmente o carvão, mas também o petróleo e, em menor grau, o gás - precisa ser rápida e progressivamente substituída. Até que um progresso maior seja feito no desenvolvimento de fontes amplamente acessíveis de energia renovável, é legítimo escolher a alternativa menos prejudicial ou encontrar soluções de curto prazo...

Sobre os Povos Indígenas e Abordagens Interculturais

14. Eu apelo urgentemente por um novo diálogo sobre como estamos moldando o futuro do nosso planeta. Precisamos de uma conversa que inclua todos, uma vez que o desafio ambiental que estamos passando e suas raízes humanas nos preocupam e afetam a todos ... Precisamos de uma solidariedade nova e universal. Como os bispos da África Austral afirmaram: “Todas as capacidades e engajamento são necessários para reparar os danos causados pelo abuso humano da criação de Deus”. [22] Todos nós podemos cooperar como instrumentos de Deus para o cuidado da criação, cada um de acordo com sua própria cultura, experiência, envolvimentos e talentos.
63. Dada a complexidade da crise ecológica e suas múltiplas causas, precisamos perceber que as soluções não emergirão apenas de uma maneira de interpretar e transformar a realidade. Respeito também deve ser demonstrado pelas várias riquezas culturais de diferentes povos, sua arte e poesia, sua vida interior e espiritualidade. Se estamos realmente preocupados em desenvolver uma ecologia capaz de remediar os danos que causamos, nenhum ramo das ciências e nenhuma forma de sabedoria pode ser deixada de fora, e isso inclui a religião e a linguagem particular a ela...
145. Muitas formas intensivas de exploração e degradação ambiental não só esgotam os recursos que proporcionam às comunidades locais a sua subsistência, como também desfazem as estruturas sociais que, durante muito tempo, moldaram a identidade cultural e o conceito de sentido da vida e de comunidade. O desaparecimento de uma cultura pode ser tão grave, ou até mais grave, que o desaparecimento de uma espécie de planta ou animal. A imposição de um estilo de vida dominante ligado a uma única forma de produção pode ser tão prejudicial quanto a alteração dos ecossistemas.
146. Neste sentido, é essencial mostrar um cuidado especial pelas comunidades indígenas e suas tradições culturais. Eles não são apenas uma minoria entre outros, mas devem ser os principais parceiros de diálogo, especialmente quando grandes projetos que afetam suas terras são propostos. Para eles, a terra não é uma mercadoria, mas sim um presente de Deus e de seus ancestrais que descansam aqui, um espaço sagrado com o qual precisam interagir para manter sua identidade e valores. Quando eles permanecem em suas terras, eles mesmos se importam com isso. No entanto, em várias partes do mundo, pressiona-se a que abandonem suas terras natais para dar espaço a projetos agrícolas ou de mineração que são realizados sem levar em conta a degradação da natureza e da cultura.

ORAÇÕES E MEDITAÇÕES

ORANDO COM AS FLORESTAS

Por Diácono Alirio Cáceres Aguirre

Das raízes escondidas das árvores,
Em humildes diálogos com o húmus
e os mistérios do subsolo,
Louvamos a Deus, Comunidade Preciosa
de Amor Infinito,
Para o presente da vida, sua esperança
e seu conforto.

Com cada ninho e cada fruta,
Com cada folha caída transformada em alimento
Te louvamos, Espírito Criador
Pela graça de seu amor e seu
mandamento principal.

Através de rios voadores e águas subterrâneas
Pela conexão do bioma e a comunhão
da biodiversidade
Louvamos-te, Senhor, pela tua imensa bondade
em que cada criatura evolui, imersa.

Tudo está conectado. Tudo está interligado.
Pedimos desculpas por quebrar o todo
Por dar origem ao pecado
Pedimos desculpas por negar o seu amor
Por querer violar, pelo ego mau.

Pedimos desculpas pela economia que mata
Por causa da ganância que causa tanta destruição
Pedimos desculpas e pedimos sua orientação
Para restaurar, renovar, reconcilie sua bela criação.

Com cada grupo étnico e seu
conhecimento ancestral,
Com cada colono e cada margem do rio
Com cada acadêmico e cada pastor
Pedimos a sua luz para não acreditar
em nós mesmos como donos.

Que cada templo e cada paróquia
Que cada tribo e organização
Reconheça que somos como uma árvore fértil
Que só dá frutos sendo floresta em comunhão.

Sejamos instrumentos de harmonia e paz
Que o caos climático não avance mais
Sejamos testemunhas de sustentabilidade
E consistência, a melhor maneira de aparecer.

Com danças e orações, com silêncio sagrado
Com o trinado dos pássaros e a voz do rio
Pedimos-lhe Pai com coração de mãe
Sejamos um, à imagem do seu poder.

Com cores e sabores, para você,
Amor dos Amantes
Estamos unidos para implorar sua bênção,
Aprender a cuidar de nós mesmos em nossa
casa comum
Como uma família que canta sua alegre música.

Que não se corte mais as árvores!
Que não se perca mais vidas!
Que possamos sempre encontrar soluções criativas,
E no final dos tempos, acompanhado pelo vento.
Que possamos entender que sua
Palavra é o Caminho,
a Verdade e a Vida. Amém.

LITANIA PARA AS FLORESTAS TROPICAIS

Por Phelipe Reis (Adaptada)

Ó grande Deus, Criador
Você, que dominou o céu e a terra
e aperfeiçoou nosso lar comum.
Você, que fez o telhado e o quintal
das florestas tropicais,
onde você plantou árvores além do horizonte
e por baixo escondeu riquezas que despertam a
ganância do homem.

Você, que distribuiu as águas em lagos e riachos,
e escavou com prazer as profundezas
de poderosos rios
cujas águas barrentas refrescam e satisfazem
a sede de jovens e idosos,
Ouça nosso pedido de ajuda.

Ó grande Deus, Criador
Levante-se para nós!
Você, cujos olhos do céu desfrutam
deste imenso tapete verde,
Você não suportará contemplar a
verdura manchada pelas cinzas da queima.
Disfarçado de progresso, a destruição
se esconde atrás de nós,
esperando a hora de colher o suprimento e a vida.

Não deixe sua criação ser invadida e saqueada,
Não deixe os ímpios arruinarem suas florestas
sem piedade,
Cortando árvores preciosas de todos os tipos,
Fazendo sua terra e seus filhos chorarem
e se desesperarem.

Ó grande Deus, Criador,
Você que ama a justiça e as pessoas simples
Não tenhamos medo do inimigo que,
com rabiscos de caneta,
decretar a morte da floresta.

Você, que vomita com corrupção e quem a pratica.
Não nos deixe temer,
os inimigos de colarinho branco
que tramam planos maquiavélicos
na calada da noite,
baratear e superar a riqueza da sua criação.

Ó grande Deus, Criador
Nós, povos indígenas,
seus filhos, as florestas e os rios,
Juntos, invoquem sua proteção e clamem:
Não demore em derrubar os maus.

Faz-nos corajosos para defender nossos jardins.
E pacientemente nos ensine o bom
cuidado de sua criação,
Para cuidar, lutar e resistir.

Ó grande Deus, Criador
que na obra de teu Filho reconcilia tua criação
Por você profetizamos diante do seu braço forte
e a fibra dos filhos e filhas
das florestas tropicais:

Sem demora,
A corrupção, o mal e a ambição,
assim como aqueles que o servem,
Não vão prevalecer!

PLANOS DE AULA

ESCREVENDO NOSSAS PRÓPRIAS ECO-BIOGRAFIAS

O propósito do exercício a seguir da eco-biografia é de começar a descascar as camadas das nossas histórias pessoais, para encontrarmos as origens das nossas dissociações, e ganharmos clareza sobre como podemos apoiar a mudança do coração dentro de nós e nossas comunidades; uma mudança de perspectiva, práticas e crenças, em favor das florestas tropicais e das vidas dos povos indígenas.

“Para os seres humanos... destruir a diversidade biológica da criação de Deus... para degradar a integridade da terra, causando mudanças em seu clima, desnudando a terra de suas florestas naturais ou destruindo suas terras úmidas; para os seres humanos contaminarem as águas da terra, sua terra, seu ar e sua vida - são pecados”. [15] Pois “cometer um crime contra o mundo natural é um pecado contra nós mesmos e um pecado contra Deus”. (Papa Francisco, Carta Encíclica, 8.)

Somos pessoas de fé. Nossa tradição de fé faz um apelo especial para escolher a vida (Deuteronômio 30:15), para amar o próximo como a nós mesmos (Marcos 12: 30-31), para cuidar dos pobres e das pessoas mais vulneráveis (Lucas 4:18), incluindo o mundo natural (Gênesis 2:15). Em sua encíclica, o Papa Francisco acrescenta: “O senso de conexão interna com outras criaturas não pode ser genuíno se nossos corações não tiverem ternura, compaixão e cuidado por outras pessoas... Tudo está conectado. Por isso, é essencial cuidar do meio ambiente, junto com o amor sincero das pessoas e com esforços permanentes para resolver questões sociais.”

O que impede que nossos corações sejam compassivos, carinhosos e ternos? Que valores, visões de mundo e ensinamentos impedem o estabelecimento de relacionamento adequado com Deus, nossos próximos e a natureza?

Tomar consciência de nossas deficiências pode apoiar nossa jornada para uma conversão ecológica capaz de transformar todos os nossos relacionamentos.

Ao trabalhar em suas eco-autobiografias, os participantes irão:

- Refletir individual e coletivamente sobre suas experiências com florestas, natureza, povos indígenas e as mudanças climáticas. Os participantes, ao observarem sua história, refletirão sobre como a comunidade de fé, natureza, sociedade, etc., moldou sua maneira de ver o mundo, especialmente as florestas e os povos indígenas.
- Refletir sobre as experiências pessoais e espirituais com o mundo natural, que servem para desenvolver a consciência, um relacionamento com as florestas tropicais e uma conexão com as lutas dos povos indígenas.
- Fortalecer a consciência de sua história pessoal e suas aldeias; aumentando a noção de quão próximos ou distantes vivemos das florestas; e tornar-se consciente de seu conhecimento ou ignorância de sua fé em relação ao cuidado das florestas e aos direitos dos povos indígenas.
- Estabelecer um entendimento mútuo, com o qual um movimento inter-religioso para a proteção de florestas tropicais e os direitos dos povos indígenas pode ser baseado.

Formato

Dependendo do tamanho do seu grupo, propomos duas formas de usar este exercício. Cada um tem os seus prós e contras. O objetivo de ambos é convidar todos os participantes a continuarem trabalhando em suas eco-autobiografias, mesmo após o dia da primeira sessão, e incentivá-los a continuar compartilhando-os.

Formato para grandes grupos

Dias antes de sua sessão, convide cinco pessoas (representando diversas vozes) para trabalhar em suas eco-autobiografias. Este grupo compartilhará suas histórias antes do grupo maior. Cada apresentador pode usar arte, poesia, ilustrações, música, etc., para ajudar a revelar sua história. Eles também podem lê-lo. No dia da sessão, cada apresentador terá cinco minutos para compartilhar sua eco-autobiografia. Após as cinco apresentações (25 a 30 minutos), convide o grupo maior a pensar sobre suas próprias histórias. Dê-lhes 5 minutos para pensar e escrever (fornecer papel e lápis) e dividi-los em grupos menores de 3 pessoas, para compartilharem suas histórias.

Formato para pequenos grupos

Quando você utilizar este exercício com um grupo pequeno, o ideal é compartilhar as instruções sobre como escrever uma eco-autobiografia com antecedência, pedindo às pessoas que venham a sua sessão prontas para compartilhar o que foram elaboradas. Se não for possível fornecer instruções com antecedência, dê aos participantes quinze minutos para escrever suas próprias eco-autobiografias. Como eles não terão a vantagem de ouvir os outros contarem suas histórias, o facilitador é incentivado a modelar o exercício para eles. Escreva uma versão curta de sua própria eco-autobiografia e compartilhe-a, como parte da introdução à sessão e/ou como parte das instruções do exercício.

Materiais de apoio para facilitadores/as:

- O IRI produziu três Edições de Livretos (disponíveis no site do IRI) que podem fornecer fatos chave e informações sobre o contexto de:
 - a. Florestas Tropicais: Um Recurso Sobre Ameaça
 - b. Florestas Tropicais e Mudanças Climáticas
 - c. Povos Indígenas: Guardiões da Floresta
- Livreto de País IRI (para os 5 países com as maiores florestas tropicais) também pode ser utilizado para (Guia de Recursos) familiarizar-se. Familiarize-se com os principais fatos sobre o estado das florestas tropicais em seu país (4 páginas).
- Se você estiver trabalhando com um grupo pequeno, lembre-se de escrever sua própria autobiografia ecológica antes do dia da sessão.
- Bíblia.
- Folhas de papel e lápis para todos os participantes que podem não ter seus próprios.
- Cavalete/papel grande para escrever, giz e/ou marcadores.
- Ficha de inscrição (para coletar informações de contato). Isso é muito importante, se você decidir organizar outra reunião e/ou planejar uma ação conjunta no futuro.

Palavras de Abertura (10 minutos)

Nota para o/a facilitador/a: Para reunir seu grupo, você pode optar por convidar as pessoas a cantar uma canção familiar de louvor a Deus como Criador e continuar com as seguintes palavras:

Em sua encíclica sobre Cuidar de nosso lar comum (2015), o Papa Francisco diz: “Peço urgentemente... por um novo diálogo sobre como estamos moldando o futuro do nosso planeta. Precisamos de uma conversa que inclua todos, pois o desafio ambiental que estamos enfrentando e suas raízes humanas preocupam e afetam a todos nós.” (14).

Seguindo a sugestão do Papa Francisco, hoje queremos refletir individual e coletivamente sobre nossas experiências com as florestas, a natureza, os povos indígenas e as mudanças climáticas. Ao olharmos para a nossa história, refletiremos sobre como nossa comunidade de fé, natureza e sociedade moldou a maneira como vemos o mundo, especialmente as florestas e os povos indígenas.

Esperamos que este diálogo possa transformar a nossa ética e relacionamento uns com os outros, com os povos indígenas e com a natureza, e nos levar a uma conversão ecológica e reconciliação com as florestas tropicais.

Primeiro, vamos ouvir alguns dos fatos e preocupações que apóiam a necessidade de um diálogo sobre florestas tropicais, mudanças climáticas e povos indígenas; como eles foram compartilhados durante o lançamento da Interfaith Rainforest Initiative na Colômbia, 2018.

Nota para o/a facilitador/a: Convide uma diversidade de vozes para ler cada um desses fatos.

- O desmatamento nas florestas tropicais tropical é uma das principais causas das mudanças climáticas... É responsável por um aumento de gases de efeito estufa maior do que o de todos os carros, aviões, trens e navios no mundo.
- Quando falamos de desmatamento na Amazônia, estamos falando de uma floresta que evoluiu continuamente por 60 a 70 milhões de anos. Contém mais da metade das espécies animais do planeta, distribui a chuva pelas Américas do Norte e do Sul e regula a temperatura do mundo. Sem a Amazônia, a maior parte da América do Sul seria um deserto. O reflorestamento é importante. Proteger e defender florestas antigas é uma obrigação.
- Para acabar com o desmatamento, precisamos de um movimento social global que inclua comunidades religiosas e líderes religiosos dispostos a alçarem suas vozes morais para apoiarem governos e empresas a mudarem suas políticas em favor das florestas tropicais e dos direitos dos povos indígenas.
- As comunidades indígenas, que há séculos são habitantes do ambiente das florestas tropicais, possuem um conhecimento inestimável sobre a conservação das florestas. Eles têm uma visão do mundo em que estão profundamente misturados nos ciclos naturais da terra, da água e da vida selvagem. Eles reconhecem que suas vidas dependem da saúde da floresta tropical; portanto, eles são os principais e mais qualificados das florestas tropicais. Qualquer compreensão ambiental das florestas tropicais não pode ser separada das comunidades que lá habitam.

- A melhor ferramenta de conservação para proteger as florestas tropicais é a de proteção dos povos indígenas como autoridades ambientais em seus próprios territórios e promover práticas florestais sustentáveis entre os não-indígenas que vivem em locais com alto risco de desmatamento (geralmente as regiões de fronteira entre savana e floresta).
- A maioria das pessoas nas culturas ocidentais considera-se separada da ordem natural. De acordo com essa visão de mundo, o papel da natureza é fornecer recursos para a construção e operação de vilas e cidades. Portanto, a destruição de florestas e outros ecossistemas é algo que ocorre fora do seu espaço vital imediato e é uma consequência “lógica” da civilização. Nessa perspectiva, a proteção dos recursos naturais não é vista como algo necessário à sobrevivência, mas como algo abstrato e distante da realidade imediata; no pior dos casos, a proteção dos recursos naturais é vista como um ideal tolo que impede o desenvolvimento da nossa sociedade.

Nota para o/a facilitador/a: Você pode dar sequência com o seguinte:

Em sua encíclica, o Papa Francisco também disse que, para resolver a crise ambiental, “precisamos de uma solidariedade nova e universal”... “Todos os talentos e engajamento são necessários para reparar os danos causados pelo abuso humano da criação de Deus”. Todos nós podemos colaborar como instrumentos de Deus para o cuidado da criação, cada um de acordo com sua própria cultura, experiência, envolvimentos e talentos.” (14) “...Dada a complexidade da crise ecológica e suas múltiplas causas, precisamos perceber que as soluções não emergirão apenas de uma maneira única de interpretar e transformar a realidade. O respeito também deve ser demonstrado pelas várias riquezas culturais de diferentes povos, sua arte e poesia, sua vida interior e espiritualidade...” (63)

Esperamos que este exercício forneça uma boa base para que isso aconteça.

Nota para o/a facilitador/a: Neste ponto, se estiver trabalhando com um grupo grande, convide as pessoas que prepararam suas eco-autobiografias com antecedência e peça que elas compartilhem com o grupo. Se você estiver trabalhando com um grupo menor, convide as pessoas a dedicarem 15 minutos para trabalharem em sua própria autobiografia ecológica, em silêncio, e prepare-se para compartilhá-la em grupos menores de 3 a 5 pessoas no máximo. Modele o processo de autobiografia lendo sua própria versão curta, preparada com antecedência. Dê papel e lápis às pessoas, caso elas não tiverem.

Construindo sua própria Eco-Autobiografia (20 minutos)

Instruções para os participantes: Pense na sua história pessoal e prepare-se para compartilhá-la em cerca de 5 minutos. Se desejar, você pode usar arte, poesia, fotografias e música para contar sua história. Você também pode ler em voz alta, se preferir.

- Articule com um tom pessoal as experiências que você teve durante os primeiros anos de vida com relação à natureza, e os efeitos que eles tiveram em seu caráter, seus valores ou anti-valores, seus sentimentos e sua espiritualidade.
- Narrar como os ambientes de sua infância, juventude e adolescência, incluindo o ambiente cultural, escolar, familiar ou religioso, moldaram a maneira como você se relaciona com os outros; como você age, valoriza, julga, pensa, sente ou ignora a natureza e as comunidades que vivem mais perto da natureza.

- Para os propósitos da iniciativa Interfaith Rainforest Initiative, pense em seu relacionamento com florestas tropicais e povos indígenas, mesmo que você more longe de ambos.

Este exercício oferece a oportunidade de explorar os lugares e personagens que moldaram quem você é, aquelas que determinaram seus julgamentos, seus objetivos, seus valores, seus relacionamentos e seus compromissos. Nosso passado ambiental afeta como tratamos nosso meio ambiente hoje. Neste passado, também podemos encontrar sementes para um futuro melhor.

Nota para o/a facilitador/a:

- a. Se você está trabalhando com um grupo pequeno, este é o momento em que você pode compartilhar uma versão resumida de sua própria eco-autobiografia. Após os 15 minutos em que os participantes trabalharam em suas próprias eco-autobiografias, divida seu grupo em grupos de 3 a 5 para compartilharem suas histórias. Cada pessoa tem 5 minutos para compartilhar. Quando terminarem, traga todas de volta.
- b. Se você estiver trabalhando com um grupo grande, depois que os membros do painel tiverem compartilhado sua eco-autobiografia, convide o público a pensar sobre suas histórias pessoais e dê a cada pessoa 3 minutos para compartilhá-lo com a pessoa ao seu lado.

Plenária (15 minutos)

Nota para o/a facilitador/a: Depois que os itens acima tiverem sido feitos, reúna todas as pessoas e faça as seguintes perguntas ao seu grupo. Dê tempo para responder antes de fazer a próxima pergunta:

- O que você descobriu ao escrever sua eco-autobiografia e ao ouvir as outras?
- Que valores existem dentro de nossa fé e cultura que podem apoiar a proteção das florestas tropicais e incentivar nossa solidariedade com os povos indígenas? Quais valores precisam ser nutridos? (Escreva as respostas em uma placa onde todas as pessoas possam vê-las.)
- Que valores ainda existem dentro de nossa tradição e cultura de fé que nos impedem de proteger as florestas tropicais e de permanecer em solidariedade com os povos indígenas?
- O que precisa mudar? (Escreva as respostas em uma placa onde todas as pessoas possam ver.)

Depois que os participantes compartilharem, repita o que está escrito no quadro e convide o grupo a manter contato com a Interfaith Rainforest Initiative:

- Informe-os que os Edições de Livretos, os Livretos de País e os Guia de Recursos oferecem uma diversidade de materiais para um estudo mais aprofundado.
- Pergunte aos participantes se gostariam de se encontrar novamente para aprender sobre a questão das florestas tropicais, mudanças climáticas e povos indígenas. O site do IRI contém ferramentas orientadas para outras comunidades de fé e também possui planos de aula que podem ser adaptados o seu grupo e usados para aprofundar sua compreensão da situação e de como outras religiões estão refletindo sobre isso.
- Pergunte se alguém gostaria de se voluntariar para organizar a próxima sessão.

- Incentive os participantes a continuarem trabalhando em suas eco-autobiografias em casa e a compartilharem com outras pessoas.
- Compartilhe os resultados da sessão com o coordenador local do IRI. Ele/ela poderá apoiar e ajudar a manter sua comunidade envolvida com o IRI.

Encerramento: Uma Oração pela nossa Terra (da encíclica do Papa Francisco, Laudato Si ‘)

Nota para o facilitador: Escolha duas pessoas de diversas vozes para lerem em voz alta cada parte. Você também pode pedir a cada pessoa que leia uma linha e convidar o resto do grupo a repetir em eco.

Deus todo-poderoso, você está presente em todo o universo
e na menor das suas criaturas.

Você abraça com sua ternura tudo o que existe.

Derrame sobre nós o poder do seu amor,
para que possamos proteger a vida e a beleza.

Encha-nos de paz, para que possamos viver
como irmãos e irmãs, não prejudicando a ninguém.

Ó Deus dos pobres,
ajude-nos a resgatar os abandonados e esquecidos desta terra,
tão preciosos por seus olhos.

Traga cura para nossas vidas,
para que possamos proteger o mundo e não atacá-lo,
para semearmos beleza, não poluição e destruição.

Toque os corações
daqueles que buscam apenas ganhos
às custas dos pobres e da terra.

TNos ensine a descobrir o valor de cada coisa,
para ser preenchido com reverência e contemplação,
reconhecer que estamos profundamente unidos
com toda criatura
enquanto viajamos em direção a sua luz infinita.

Agradecemos por estar conosco todos os dias.

Incentive-nos, oramos, em nossa luta
por justiça, amor e paz. Amém.



INICIATIVA
INTER-RELIGIOSA PELAS
FLORESTAS TROPICAIS

The contents of this report do not necessarily reflect the views or policies of the UN Environment Programme, contributory organisations or editors. The designations employed and the presentations of material in this report do not imply the expression of any opinion whatsoever on the part of the UN Environment Programme or contributory organisations, editors or publishers concerning the legal status of any country, territory, city area or its authorities, or concerning the delimitation of its frontiers or boundaries or the designation of its name, frontiers or boundaries. The mention of a commercial entity or product in this publication does not imply endorsement by the UN Environment Programme.